

UMA TEORIA DA MOTIVAÇÃO HUMANA

AH Maslow (1943)

Originalmente publicado em *Psychological Review*, 50, 370-396.

Tradução: Márcio A. Karsten

I. INTRODUÇÃO

Num trabalho anterior (13) várias proposições foram apresentadas que teriam de ser incluídas em qualquer teoria da motivação humana que pudesse reivindicar ser definitiva. Estas conclusões podem ser brevemente resumidas como se segue:

1. A totalidade integrada do organismo deve ser uma das pedras fundamentais da teoria da motivação.
2. O impulso da fome (ou qualquer outro impulso fisiológico) foi rejeitado como um ponto de centralização ou modelo para uma teoria definitiva de motivação. Qualquer impulso que está somaticamente baseado e localizável mostrou ser atípico em vez de típico na motivação humana.
3. Tal teoria deveria enfatizar e centralizar-se em objetivos finais ou básicos ao invés dos parciais ou superficiais, sobre fins ao invés de meios para esses fins. Tal ênfase implicaria em uma posição mais central para as motivações inconscientes do que para as conscientes.
4. Normalmente existem disponíveis vários caminhos culturais para o mesmo objetivo. Portanto desejos conscientes, específicos, e locais-culturais não são tão fundamentais na teoria da motivação como os objetivos mais básicos e inconscientes.
5. Qualquer comportamento motivado, seja preparatório ou consumatório, deve ser entendido como uma via por onde muitas necessidades básicas podem ser simultaneamente expressas ou satisfeitas. Tipicamente uma ação possui mais do que uma motivação.
6. Praticamente todos os estados organísmicos devem ser entendidos tanto como motivados quanto motivadores.
7. As necessidades humanas se organizam em hierarquias de prepotência. Ou seja, o aparecimento de uma necessidade geralmente repousa sobre a satisfação prévia de outra, de necessidade mais prepotente. O homem é um animal eternamente insatisfeito. Também não há necessidade ou impulso pode ser tratada como se fosse isolado ou simples; cada impulso está relacionado com o estado de satisfação ou insatisfação de outros impulsos.
8. *Listas* de impulsos não nos levarão a lugar nenhum, por várias razões teóricas e práticas. Além disso, qualquer classificação de motivações tem de lidar com o problema dos níveis de especificidade ou generalização dos motivos para ser classificada.
9. Classificações de motivações devem ser baseadas em objetivos, em vez de impulsos instigadores ou em comportamento motivado.
10. A teoria da motivação deve ser centrada no homem ao invés de centrada no animal.
11. A situação ou o campo em que o organismo reage deve ser considerado, mas somente o campo raramente serve como uma explicação exclusiva para o comportamento. Além disso, o próprio campo deve ser interpretado nos termos do organismo. A teoria de campo não pode ser um substituto para a teoria da motivação.

12. Não só a integração do organismo deve ser considerada, mas também a possibilidade de reações isoladas, específicas, parciais ou segmentares. Tornou-se necessário acrescentar essa outra afirmação.
13. Teoria da motivação não é sinónimo de teoria do comportamento. As motivações são apenas uma classe de determinantes do comportamento. Embora o comportamento seja quase sempre motivado, ele também é quase sempre também determinado biologicamente, culturalmente e situacionalmente.

O presente trabalho é uma tentativa de formular uma teoria de motivação categórica que satisfará as exigências teóricas e ao mesmo tempo estar em conformidade tanto com os fatos conhecidos, clínicos e observacionais, quanto com os experimentais. Ela deriva mais diretamente, no entanto, de experiência clínica. Esta teoria é, penso eu, na tradição funcionalista de James e Dewey, e é fundida com o holismo de Wertheimer (19), Goldstein (6) e Psicologia Gestalt, e com o dinamismo de Freud (4) e Adler (1). Esta fusão ou síntese pode arbitrariamente ser denominada teoria “dinâmica geral”.

É muito mais fácil de perceber e criticar os aspectos em teoria da motivação do que remediá-los. Na maior parte isto é devido a muito grave falta de dados consistentes nesta área. Eu concebo esta falta de fatos consistentes ser devido, principalmente, à ausência de uma teoria válida de motivação. A presente teoria, então, deve ser considerado uma sugestão de programa ou estrutura (framework) para a futuras pesquisas e deve permanecer ou cair, não tanto nos dados disponíveis ou nas evidências apresentadas, mas em pesquisas a serem realizadas, pesquisas sugeridas pelas questões levantadas neste trabalho.

II. AS NECESSIDADES BÁSICAS

As necessidades “fisiológicas”. – As necessidades que geralmente são tomadas como ponto de partida para a teoria da motivação são as chamados unidades fisiológicas. Duas linhas recentes da pesquisa tornam necessário rever as nossas noções usuais sobre estas necessidades, em primeiro lugar, o desenvolvimento do conceito de homeostase, e segundo, a descoberta de que o apetite (escolhas preferenciais entre alimentos) são uma indicação bastante eficiente de necessidades reais ou carência no corpo.

Homeostase se refere a esforços automáticas do corpo para manter um estado constante e normal da corrente sanguínea. Cannon (2), descreveu esse processo para (1) o teor de água do sangue, (2) o teor de sal, (3) o teor de açúcar, (4) o teor de proteínas, (5) o teor de gordura, (6) o teor de cálcio, (7) o teor de oxigênio, (8) o nível constante de íons de hidrogênio (equilíbrio ácido-base) e (9) a temperatura constante do sangue. Obviamente, esta lista pode ser estendida para incluir outros minerais, hormônios, vitaminas, etc.

Young em um artigo recente (21) resumiu os trabalhos sobre o apetite em sua relação com as necessidades do corpo. Se o corpo carece de algum elemento químico, o indivíduo tende a desenvolver um apetite ou fome parcial específica para esse componente alimentar.

Assim, parece impossível, bem como inútil fazer qualquer lista de necessidades fisiológicas fundamentais pois elas podem totalizar qualquer número que se desejar, dependendo do grau de especificidade da descrição. Não podemos identificar todas as necessidades fisiológicas como homeostáticas. Que o desejo sexual, a sonolência, a simples atividade e o comportamento materno em animais são homeostáticos ainda não foi demonstrado. Além disso, esta lista não incluiria os vários prazeres sensoriais (gostos, cheiros, fazer cócegas, acariciar), que são, provavelmente, fisiológicas e que podem tornar-se os objetivos do comportamento motivado.

Num trabalho anterior (13) foi apontado que esses impulsos ou necessidades fisiológicas devem ser considerados incomuns ao invés de típicos porque eles são isoláveis, e porque eles são localizáveis somaticamente. Ou seja, eles são relativamente independentes uns dos outros, de outras motivações e do organismo como um todo, e em segundo lugar, em muitos casos, é possível demonstrar uma base somática e profunda e concentrada para o impulso. Isto é verdade bem menos comumente do que foi pensado (as exceções são fadiga, sonolência, resposta materna), mas ainda é verdade nos casos clássicos de fome, sexo e sede.

Deve-se salientar mais uma vez que nenhuma das necessidades fisiológicas e do comportamento consumado envolvidos com eles servem como canais para todas as necessidades da mesma forma. Isso quer dizer, a pessoa que pensa que está com fome pode realmente estar mais buscando por conforto, ou possessão, do que por vitaminas ou proteínas. Por outro lado, é possível satisfazer a necessidade de fome em parte por outras atividades, tais como tomar água ou fumar cigarros. Em outras palavras, apesar de essas necessidades fisiológicas serem relativamente isoláveis, elas não são completamente assim.

Sem dúvida essas necessidades fisiológicas são as mais prepotentes de todas as necessidades. O que isto significa especificamente é que, no ser humano em que está faltando tudo na vida de uma forma extrema forma, é mais provável que a principal motivação seria as necessidades fisiológicas em vez de quaisquer outras. Uma pessoa a quem está faltando comida, segurança, amor e estima, muito provavelmente terá fome de alimentos mais fortemente do que de qualquer outra coisa.

Se todas as necessidades estão insatisfeitas, e o organismo é então dominado pelas necessidades fisiológicas, todas as outras necessidades podem tornar-se simplesmente inexistentes ou serem empurradas para o segundo plano. Assim é justo caracterizar todo o organismo dizendo simplesmente que ele está com fome, pois a consciência é quase completamente ocupada pela fome. Todas as capacidades são colocadas a serviço da satisfação da, e a organização dessas capacidades é quase inteiramente determinada pelo único propósito de satisfazer a fome. Os receptores e efetores, a inteligência, a memória, os hábitos, todos agora podem ser definidos simplesmente como ferramentas gratificantes da fome. Capacidades que não são úteis para este fim ficam adormecidas, ou são empurrados para o segundo plano. O desejo de escrever poesia, o desejo de adquirir um automóvel, o interesse na história Americana, e o desejo por um novo par de sapatos são, no caso extremo, esquecidos ou tornam-se de importância secundária. Para o homem que está extremamente e perigosamente com fome, não há outros interesses além de alimentos. Ele sonha comida, ele se lembra de comida, ele pensa sobre o alimento, ele atua apenas acerca de alimentos, ele percebe apenas comida e ele só quer alimentar-se. Os determinantes mais sutis que normalmente se fundem com os impulsos fisiológicas na alimentação, saciação da sede e comportamento sexual, podem agora estar completamente sobrecarregados, o que nos permite dizer que neste momento (mas somente neste momento) de um impulso e comportamento de pura fome, com o único e desqualificado objetivo de alívio.

Outra característica peculiar do organismo humano quando é dominado por uma certa necessidade é que toda a filosofia do futuro também tende a mudança. Para o nosso homem crônica e extremamente com fome, Utopia pode ser definida de maneira muito simples como um lugar onde há abundância de alimentos. Ele tende a pensar que, se lhe é garantida comida para o resto de sua vida, ele será perfeitamente feliz e nunca mais quererá nada. A vida em si tende a ser definida em termos de alimentação. Qualquer outra coisa será definida como sem importância. Liberdade, amor, sentimento de comunidade, respeito, filosofia, tudo pode ser deixado de lado como ninharias inúteis, uma vez que não conseguem encher o estômago. Tal homem pode, razoavelmente, ser dito para viver só de pão.

Não é possível negar que tais coisas são verdadeiras, mas sua *generalidade* pode ser negada. Condições de emergência são, quase por definição, raras em uma sociedade pacífica funcionando normalmente. Trivialmente isso é esquecido por duas razões. Primeiro, os ratos possuem poucas outras motivações além das fisiológicas, e uma vez que muito da pesquisa sobre a motivação tem sido feito com esses animais, é fácil transportar essa imagem-de-rato para o ser humano. Em segundo lugar, muitas vezes não é percebido que a própria cultura é uma ferramenta adaptável, à qual uma das principais funções é fazer com que as emergências fisiológicas sejam cada vez menos frequentes. Na maioria das sociedades conhecidas, a fome do tipo extrema e crônica é rara, em vez de comum. Em qualquer caso, isso ainda é verdade nos Estados Unidos. O cidadão americano médio está enfrentando o apetite em vez da fome quando ele diz: “Eu estou com fome.” Ele tem a possibilidade de experimentar a pura fome de vida-ou-morte apenas por acidente e, mesmo assim, apenas algumas vezes durante toda a sua vida.

Obviamente, uma boa maneira de obscurecer as motivações “superiores”, e para obter uma visão desequilibrada das capacidades humanas e da natureza humana, é deixar o organismo extrema e cronicamente com fome ou sede. Qualquer um que tente transformar uma imagem de emergência em típica, e que irá mensurar todas as metas e desejos do homem por seu comportamento durante uma privação fisiológica extrema é, certamente, cego para muitas coisas. É bem verdade que o homem vive só de pão – quando não há pão. Mas o que acontece com os desejos do homem quando há uma abundância de pão e quando sua barriga está cronicamente preenchida?

Imediatamente outras (e “superiores”) necessidades emergem e estes, mais do que as fomes fisiológicas, dominam o organismo. E quando estes por sua vez são satisfeitas, novamente novas (e ainda “superiores”) necessidades surgem e assim por diante. Isto é o que queremos entendemos por dizer que as necessidades humanas básicas são organizadas em uma hierarquia de prepotência relativa.

Uma implicação importante deste fraseado é que gratificação se torna um conceito tão importante quanto privação na teoria da motivação, pois libera o organismo da dominação de uma necessidade fisiológica relativamente maior, permitindo, assim, o surgimento de objetivos mais sociais. As necessidades fisiológicas, juntamente com seus objetivos parciais, quando cronicamente satisfeitas deixam de existir como determinantes ativos ou organizadores de comportamento. Eles agora só existem em uma forma potencial no sentido de que eles podem emergir novamente para dominar o organismo se eles são frustrados. Mas um desejo que está satisfeito não é mais uma necessidade. O organismo é dominado e seu comportamento organizado apenas por necessidades insatisfeitas. Se a fome é satisfeita, ela se torna sem importância na dinâmica geral do indivíduo.

Esta afirmação é de certa forma qualificada por uma hipótese a ser discutida mais detalhadamente mais tarde, que são precisamente aqueles indivíduos em quem uma certa necessidade foi sempre satisfeita que estão mais bem equipados para tolerar a privação dessa necessidade no futuro, e que, além disso, os que têm sido privados no passado reagirão de forma diferente para satisfações correntes do que aquele que nunca tenha sido privado.

As necessidades de segurança. – Se as necessidades fisiológicas estão relativamente bem satisfeitas, então surge um novo conjunto de necessidades, que podemos grosseiramente categorizar como as necessidades de segurança. Tudo o que foi dito sobre as necessidades fisiológicas é igualmente verdadeiro, embora em menor grau, para esses desejos. O organismo pode ser igualmente dominado totalmente por elas. Elas podem servir como os organizadores parcialmente quase exclusivos de comportamento, recrutando todas as capacidades do organismo para seu serviço, e podemos, então, descrever razoavelmente todo o organismo como um mecanismo de busca de segurança. Mais uma vez podemos dizer que os receptores, os efetores, o intelecto e as outras capacidades são primeiramente ferramentas de busca de

segurança. Mais uma vez, como no homem com fome, nós verificamos que o objetivo dominante é um forte determinante não só de sua atual concepção do mundo e filosofia, mas também de sua filosofia de futuro. Praticamente tudo parece menos importante que segurança, (mesmo, em alguns momentos, as necessidades fisiológicas que estando satisfeitas, agora são subestimadas). Um homem, neste estado, se for extremo e crônico o suficiente, pode ser caracterizado como somente vivendo somente para a segurança.

Embora neste trabalho estarmos interessados principalmente nas necessidades do adulto, podemos abordar uma compreensão de suas necessidades de segurança, talvez, de forma mais eficiente através da observação de bebês e crianças, nas quais essas necessidades são muito mais simples e óbvias. Uma razão para o aparecimento mais claro da reação à ameaça ou ao perigo em crianças, é que elas não inibem essa reação de forma nenhuma, enquanto os adultos em nossa sociedade têm sido ensinados a inibi-la a todo custo. Assim, mesmo quando os adultos sentem sua segurança ameaçada podemos não ser capazes de ver isso na aparência. Os bebês reagirão de uma forma total, como se estivessem em perigo, se são perturbados ou caem de repente, se são assustados por ruídos altos, luz intermitente, ou outra estimulação sensorial incomum, por manipulação grosseira, pela perda geral de apoio nos braços da mãe, ou por um suporte inadequado. [1]

Em lactentes, também podemos ver uma reação muito mais direta a vários tipos de doenças corporais. Às vezes, essas doenças parecem ser imediatas e *per se* ameaçadoras e parecem fazer a criança se sentir insegura. Por exemplo, vômitos, cólicas ou outras dores agudas parecem fazer a criança olhar o mundo de uma forma diferente. Em tal momento de dor, pode ser postulado que, para a criança, a aparência de todo o mundo, de repente muda de ensolarado à escuridão, por assim dizer, e se torna um lugar em que nada pode acontecer, em que coisas anteriormente estáveis se tornam, de repente, instáveis. Assim, uma criança que por causa de alguma comida ruim fica doente, pode, por um dia ou dois, mostrar medos, pesadelos, e uma necessidade de proteção e segurança nunca vistos nele antes de sua doença.

Outra indicação da necessidade da criança para a segurança é sua preferência por algum tipo de rotina ininterrupta ou ritmo. Ela parece querer um mundo ordenado previsível. Por exemplo, a injustiça, desigualdade, ou inconsistência nos pais parece fazer uma criança sentir-se ansiosa e insegura. Esta atitude pode ser não tanto por causa da injustiça *per se* ou quaisquer dores particulares envolvidas, mas sim porque seu tratamento ameaça fazer o mundo parecer não confiável, ou inseguro, ou imprevisível. As crianças pequenas parecem desenvolver-se melhor sob um sistema que tem pelo menos um esqueleto de rigidez, em que há um tipo de cronograma, uma espécie de rotina, algo que pode ser considerado adiante, não só para o presente, mas também longe para o futuro. Talvez alguém possa expressar isso de forma mais precisa, dizendo que a criança precisa de um mundo organizado ao invés de um desorganizado ou não estruturado.

O papel central dos pais e da configuração familiar normal são indiscutíveis. Discussão, agressão física, separação, divórcio ou morte na família podem ser particularmente assustadores. Também explosões de raiva parentais ou ameaças de punição dirigidas à criança, chamando-lhe nomes, falando com ele duramente, sacudi-lo, manipulá-lo descuidadamente, ou punição física real [pág. 378] às vezes induzem pânico e terror total na criança que, devemos assumir, outras coisas estão envolvidas além da pura dor física. Embora seja verdade que em algumas crianças este terror pode representar também um medo da perda do amor dos pais, pode também ocorrer em crianças completamente rejeitadas, que parecem se agarrar aos pais abominados mais por pura segurança e proteção do que por causa da esperança do amor.

Confrontando a média das crianças com situações ou estímulos novos, desconhecidos, ou estranhos, muito frequentemente provocará a reação de perigo ou terror, como por exemplo, se perder ou mesmo serem separados dos pais por um curto período de tempo, sendo

confrontados com novos rostos, novas situações ou novas tarefas, a visão de objetos estranhos, desconhecidos ou incontroláveis, doença ou morte. Particularmente em tais ocasiões, o apego frenético da criança aos seus pais é um testemunho eloquente de seu papel de protetores (para além de seus papéis como doadores de alimento e doadores de amor).

Destas e de outras observações similares, podemos generalizar e dizer que a criança habitual em nossa sociedade geralmente prefere um mundo seguro, ordenado e previsível, em que ele pode confiar, e no qual situações inesperadas, incontroláveis ou perigosas não acontecem, e no qual, em todo caso, ele possui os pais todo-poderosos que os protegem e defendem de danos.

Por essas reações poderem ser tão facilmente observadas em crianças é de certa forma uma prova do fato de que as crianças em nossa sociedade, se sentem muito inseguras (ou, numa palavra, são mal-educadas). As crianças que são criadas em uma família não ameaçadora, amorosa geralmente não reagem como descrito acima (17). Em tais crianças as reações de perigo se apresentam principalmente a objetos ou situações que os adultos também considerariam perigosos. [2]

O adulto normal, saudável e feliz em nossa cultura é amplamente satisfeito em suas necessidades de segurança. A “boa sociedade” tranquila e funcionando sem problemas faz seus membros se sentirem seguros o suficiente de animais selvagens, de temperaturas extremas, dos criminosos, assaltos e assassinatos, de tirania, etc. Portanto, em um sentido muito real, ele não tem mais qualquer necessidade de segurança como motivador ativo. Assim como um homem saciado já não sente fome, um homem seguro não se sente mais em perigo. Se queremos ver essas necessidades diretas e claramente devemos nos voltar para indivíduos neuróticos ou quase neuróticos, e os azarões econômicos e sociais. Entre esses extremos, podemos perceber as expressões de necessidades de segurança apenas em fenômenos como, por exemplo, a preferência comum por um emprego com estabilidade e proteção, o desejo de uma poupança, e seguros de diversos tipos (médico, dental, desemprego, incapacidade, velhice).

Outros aspectos mais amplos da tentativa de buscar a segurança e estabilidade no mundo são vistos na preferência muito comum para coisas familiares em vez de estranhas, ou para o conhecido em vez do desconhecido. A tendência a ter alguma religião ou uma filosofia de mundo que organiza o universo e os homens em todo satisfatoriamente coerente, significativo é, em parte, motivada pela busca pela segurança. Aqui podemos listar as ciências e a filosofia em geral como parcialmente motivadas pelas necessidades de segurança (veremos adiante que também existem outras motivações para o esforço científico, filosófico ou religioso).

Por outro ponto de vista, a necessidade de segurança é tida como uma mobilizadora ativa e dominante dos recursos do organismo apenas em emergências, por exemplo, guerras, doenças, catástrofes naturais, ondas de crime, desorganização social, neurose, lesão cerebral, má situação crônica.

Alguns adultos neuróticos em nossa sociedade são, em muitos aspectos, como a criança insegura no seu desejo de segurança, embora no primeiro ele assuma uma aparência um tanto especial. A reação deles é muitas vezes para perigos desconhecidos e psicológicos em um mundo que é percebido como hostil, opressor e ameaçador. Tais pessoas se comportam como se uma grande catástrofe estivesse quase sempre iminente, ou seja, ele habitualmente responde como se fosse uma emergência. Suas necessidades de segurança, muitas vezes encontram expressões específicas na busca por um protetor, ou uma pessoa mais forte de quem ele pode depender, ou talvez, um Fuehrer.

O indivíduo neurótico pode ser descrito de uma maneira um pouco diferente, com alguma utilidade, como uma pessoa adulta que mantém suas atitudes infantis em relação ao mundo. Ou seja, pode-se dizer que um adulto neurótico se comporta “como se” estivesse realmente com medo de uma surra, ou da desaprovação de sua mãe, ou de ser abandonado por seus pais, ou ter o seu alimento tirado dele. É como se suas atitudes infantis de reação ao medo e à ameaça

para um mundo perigoso tenham se tornado ocultas, e intocadas pelos processo de envelhecimento e aprendizagem, estivessem agora prontas para ser invocadas por qualquer estímulo que faria uma criança se sentir em perigo e ameaçada. [3]

A neurose na qual a busca de segurança toma sua forma de maior atenção está na neurose compulsiva-obsessiva. Compulsivo-obsessivos tentam freneticamente organizar e estabilizar o mundo para que nenhum perigo incontrolável, inesperado ou desconhecido apareça (14); eles protegem-se sobre com todos os tipos de cerimônias, regras e fórmulas para que todas as contingências possíveis estejam previstas e que novas contingências não apareçam. Esses são casos muito parecidos com os de pessoas com lesões cerebrais, descritos por Goldstein (6), que conseguem manter o seu equilíbrio, evitando tudo o que seja desconhecido e estranho e ordena seu restrito mundo de uma forma tão disciplinada, pura e ordenada que tudo no mundo possa ser confiável. Eles tentam organizar o mundo para que algo inesperado (perigo) não possa ocorrer. Se, sem que seja culpa própria, ocorra algo inesperado, eles têm uma reação de pânico, como se este acontecimento inesperado representasse um grave perigo. O que podemos ver apenas como uma preferência não muito forte na pessoa saudável, por exemplo, preferência para o familiar, torna-se uma necessidade de vida-e-morte em casos anormais.

As necessidades de amor. – Se as necessidades de segurança e fisiológicas estão razoavelmente satisfeitas, então surgirão as necessidades de amor, afeto e pertencimento, e todo o ciclo já descrito se repetirá com este novo núcleo. Agora a pessoa sentirá profundamente, como nunca, a ausência de amigos, ou de uma namorada, ou de esposa, ou de filhos. Ele terá fome de relações afetivas com as pessoas em geral, ou seja, por um lugar no seu grupo, e ele se esforçará com grande intensidade para atingir esse objetivo. Ele desejará alcançar tal posição mais do que qualquer outra coisa no mundo e pode até esquecer que uma vez, quando ele estava com fome, ele zombou de amor.

Em nossa sociedade a frustração destas necessidades é o núcleo mais comumente encontrado em casos de desajustamento e psicopatologias mais graves. Amor e carinho, bem como as suas expressões possíveis na sexualidade, são geralmente vistos com ambivalência e são habitualmente cobertos com muitas restrições e inibições. praticamente todos os teóricos da psicopatologia enfatizaram que a frustração das necessidades de amor é basilar no quadro de desajustamento. Muitos estudos clínicos têm, portanto, sido feitos sobre essa necessidade e nós, talvez, saibamos mais sobre esta do que de qualquer uma das outras necessidades, exceto as fisiológicas (14).

Uma coisa que deve ser salientada neste momento é que o amor não é sinônimo de sexo. Sexo pode ser estudada como uma necessidade puramente fisiológica. Normalmente o comportamento sexual é multideterminado, ou seja, determinada não apenas pelas necessidades sexuais, mas também por outras necessidades, sendo as principais as necessidades de amor e de carinho. Também não deve ser esquecido o fato de que as necessidades de amor envolvem dar e receber amor. [4]

A necessidade de estima. – Todas as pessoas em nossa sociedade (com algumas exceções patológicas) têm necessidade ou desejo de uma (geralmente) alta avaliação de si mesmos estável e firmemente fundamentada, para o autorrespeito, ou a autoestima, e para a estima dos outros. Por autoestima com firmemente fundamentada, queremos dizer que é profundamente baseada na capacidade real, sucesso e respeito por parte dos outros. Estas necessidades podem ser classificadas em dois grupos subsidiários. Estes são, em primeiro lugar, o desejo de força, de realização, de adequação, e de a confiança em face do mundo, e de independência e de liberdade. [5] Em segundo lugar, temos o que podemos chamar de desejo por reputação ou prestígio (definido como respeito e estima de outras pessoas), reconhecimento, atenção, importância ou apreciação. [6] Estas necessidades foram relativamente salientadas por Alfred Adler e seus seguidores, e têm sido relativamente negligenciadas por Freud e os psicanalistas.

Mais e mais, hoje, no entanto, está aparecendo a apreciação generalizada de sua importância central.

A satisfação das necessidades de autoestima leva a sentimentos de autoconfiança, valor, força, capacidade e adequação, de ser útil e necessário no mundo. Mas frustrar estas necessidades produz sentimentos de inferioridade, de fraqueza e de desamparo. Quando estes sentimentos emergem, causam tanto desencorajamento quanto tendências compensatórias ou neuróticas. Uma apreciação da necessidade básica de autoconfiança e uma compreensão de como as pessoas são impotentes sem ele, pode ser facilmente adquirida a partir de um estudo da neurose traumática grave (8). [7]

A necessidade de autorrealização. – Mesmo se todas estas necessidades estão satisfeitas, podemos ainda, muitas vezes (se não sempre), esperar que um novo descontentamento ou inquietação, em breve, se desenvolverá, a menos que o indivíduo esteja fazendo o que ele está preparado para fazer. Um músico deve fazer música, um artista deve pintar, um poeta deve escrever, se é para ele ser, no final das contas, feliz. O que homem pode ser, ele deve ser. Podemos denominar esta necessidade de autorrealização.

Este termo, primeiro cunhado por Kurt Goldstein, está sendo usado neste trabalho de forma muito mais específica e limitada. Refere-se ao desejo de autorrealização, ou seja, a tendência para ele se tornar efetivo no que ele é potencial. Esta tendência pode ser formulada como o desejo de se tornar cada vez mais o que se é, para se tornar tudo o que se é capaz de se tornar.

A forma específica que essas necessidades aparecerão, obviamente, variarão muito de pessoa para pessoa. Em um indivíduo pode tomar a forma do desejo de ser uma mãe ideal, em outro pode ser expressa athleticamente, e ainda outro pode ser expresso em pintar quadros ou em invenções. Não é necessariamente um impulso criativo, embora em pessoas que têm quaisquer capacidades para a criação tomará esta forma.

O surgimento claro destas necessidades repousa sobre a satisfação prévia das necessidades fisiológicas, de segurança, de amor e de estima. Devemos denominar as pessoas que estão satisfeitos nessas necessidades, de pessoas basicamente satisfeitas, e é a partir destas que podemos esperar a criatividade máxima (e vigorosa). [8] Uma vez que, em nossa sociedade, as pessoas basicamente satisfeitas são a exceção, não sabemos muito sobre autorrealização, tanto experimental quanto clinicamente. Continua a ser um problema desafiador para a pesquisa.

As condições prévias para a satisfação das necessidades básicas. – Existem certas condições que são pré-requisitos imediatos para a satisfação das necessidades básicas. Um risco a estes reage quase como se fosse um perigo direto para as próprias necessidades básicas. Condições como a liberdade de falar, liberdade de fazer o que se deseja, desde que nenhum dano seja feito para os outros, a liberdade de se expressar, a liberdade de investigar e buscar a informação, a liberdade de defender a si mesmo, justiça, equidade, honestidade, e ordem no grupo são exemplos de tais condições prévias para a satisfação de necessidades básicas. Uma frustração nestas liberdades causará uma reação de será resposta à uma ameaça ou emergência. Estas condições não são fins em si mesmos, mas elas são *quase* isso, uma vez que estão tão intimamente relacionadas com as necessidades básicas, que são aparentemente os únicos fins em si mesmos. Estas condições são defendidas porque sem eles as satisfações básicas são completamente impossíveis, ou pelo menos, muito severamente ameaçadas.

Se nos lembrarmos que as capacidades cognitivas (perceptual, intelectual, de aprendizagem) são um conjunto de ferramentas ajustáveis, que têm, entre outras funções, a de satisfação de nossas necessidades básicas, então é claro que qualquer perigo a elas, qualquer privação ou bloqueio de seu uso livre, também deve estar indiretamente ameaçando as necessidades básicas. Tal declaração é uma solução parcial aos problemas comuns de curiosidade, a busca pelo conhecimento, pela verdade e pela sabedoria, e o desejo sempre persistente de resolver os mistérios cósmicos.

Devemos, portanto, introduzir uma outra hipótese e falar dos graus de proximidade entre as necessidades básicas, pois mencionamos que *quaisquer* desejos conscientes (metas parciais) são mais ou menos importantes, a medida em que são mais ou menos próximos das necessidades básicas. A mesma afirmação pode ser feita para diversos atos comportamentais. Um ato é psicologicamente importante se contribui diretamente para a satisfação de necessidades básicas. Quanto menos diretamente ele contribui, ou quanto mais fraca é esta contribuição, o menos importante este ato deve considerado a partir do ponto de vista da psicologia dinâmica. Uma declaração semelhante pode ser feita para os vários mecanismos de defesa ou de enfrentamento. Alguns estão muito diretamente relacionados com a proteção ou a consecução das necessidades básicas, outros são relacionados fraca e distantemente. De fato, se quiséssemos, poderíamos falar de mecanismos mais e menos básicos de defesa, e, então afirmar que o risco às defesas mais básicas é mais ameaçador que o risco às defesas menos básicas (sempre lembrando que isso se dá somente pelo seu relacionamento com as necessidades básicas).

O desejo de conhecer e entender. – Até agora, temos mencionado as necessidades cognitivas apenas de passagem. Adquirir conhecimentos e sistematizar o universo tem sido considerado, em parte, como técnicas para a obtenção de uma segurança básica no mundo, ou, para o homem inteligente, expressões de autorrealização. A liberdade de investigação e de expressão, também, têm sido discutidas como condições prévias de satisfação das necessidades básicas. Verdadeiro como essas formulações podem ser, elas não constituem respostas definitivas para a questão de saber o papel motivacional da curiosidade, aprendizagem, filosofia, experimentação, etc. Elas são, na melhor das hipóteses, não mais do que respostas parciais.

Esta questão é especialmente difícil porque sabemos muito pouco sobre os fatos. A curiosidade, a exploração, o desejo pelos fatos, e o desejo em saber podem, certamente, ser observados com bastante facilidade. O fato de que muitas vezes eles são perseguidos, mesmo com um grande custo para a segurança do indivíduo, é uma garantia do caráter parcial de nossa discussão anterior. Além disso, o escritor deve admitir que, embora ele tem evidências clínicas suficientes para postular que o desejo de saber é um impulso muito forte em pessoas inteligentes, não há dados disponíveis para pessoas não inteligentes. Essa pode ser largamente uma função de relativa alta inteligência. Bastante hesitantemente, então, e em grande escala na esperança de estimular a discussão e a pesquisa, devemos postular um desejo básico em conhecer, em estar consciente da realidade, em ter os fatos, em satisfazer a curiosidade, ou, como na frase de Wertheimer, ver é melhor que ser cego.

Esta postulação, no entanto, não é suficiente. Mesmo depois que sabemos, somos impelidos a saber mais e mais minuciosamente e microscopicamente por um lado, e, por outro, mais e mais amplamente na direção de uma filosofia mundial, uma religião, etc. Os fatos que adquirimos, se eles são isolados ou atomísticos, inevitavelmente sofrem teorias, ou são analisados ou organizados ou ambos. Este processo tem sido formulado por alguns como a busca de “sentido”. Devemos, então, postular um desejo de entender, sistematizar, organizar, analisar, olhar para as relações e significados.

Uma vez que esses desejos são aceitos para discussão, vemos que eles também se constituem em uma pequena hierarquia em que o desejo de saber é prepotente sobre o desejo de compreender. Todas as características de uma hierarquia de prepotência que descrevemos acima, parecem ser válidas para essa situação também.

Devemos proteger-nos contra a tendência muito fácil separar esses desejos das necessidades básicas que discutimos acima, isto é, para fazer uma dicotomia entre as necessidades cognitivas e conativas. O desejo de conhecer e compreender são próprios dos conativos, ou seja, possuem um caráter de esforço, formado tanto pelas necessidades de personalidade como pelas “necessidades básicas” que já apresentamos (19).

III. OUTRAS CARACTERÍSTICAS DAS NECESSIDADES BÁSICAS

O grau de fixidez da hierarquia das necessidades básicas. – Temos falado até então como se essa hierarquia possuísse uma ordem fixa, mas na verdade não é tão rígida como podemos ter insinuado. É verdade que a maioria das pessoas com quem temos trabalhado parece ter essas necessidades básicas na ordem que foi indicado. No entanto, tem havido uma série de exceções.

- (1) Há algumas pessoas em quem, por exemplo, a autoestima parece ser mais importante do que o amor. Esta inversão mais comum na hierarquia é geralmente devido ao desenvolvimento da noção de que a pessoa que é mais provável de ser amado é uma pessoa forte ou poderosa, aquela que inspira respeito ou medo, e que é autoconfiante ou agressiva. Por conseguinte, essas pessoas que não têm amor e o procuram, podem esforçar-se em agir de forma agressiva e confiante. Mas, essencialmente, eles buscam alta autoestima e suas expressões de comportamento mais como um meio-para-um-fim do que para sua própria causa; eles buscam autoafirmação por causa do amor e não para sua autoestima.
- (2) Existem outras pessoas criativas aparentemente inatas em quem o impulso para a criatividade parece ser mais importante do que qualquer outro determinante contrário. Sua criatividade pode aparecer não como uma autorrealização atingida pela satisfação básica, mas, apesar da falta da satisfação básica.
- (3) Em certas pessoas o nível de aspiração pode estar permanentemente amortecido ou reduzido. Ou seja, os objetivos menos prepotentes podem simplesmente estar desnorteados, e podem desaparecer para sempre, de modo que a pessoa que tem experimentado a vida um nível muito baixo, como por exemplo, desemprego crônico, pode continuar a ser satisfeitas para o resto de sua vida se ele somente tiver acesso a comida suficiente.
- (4) A chamada “personalidade psicopática” é outro exemplo de perda permanente das necessidades de amor. Essas são pessoas que, de acordo com os melhores dados disponíveis (9), tiveram fome de amor nos primeiros meses de vida e simplesmente perderam para sempre o desejo e a capacidade de dar e receber afeto (como animais perdem os reflexos para chupar ou bicar reflexos que não são exercidos logo após o nascimento).
- (5) Outra causa da inversão da hierarquia é que quando uma necessidade foi satisfeita por um longo tempo, essa necessidade pode ser subvalorizada. Pessoas que nunca experimentaram fome crônica tendem a subestimar seus efeitos e olhar para a comida como uma coisa sem importância. Se eles são dominados por uma necessidade superior, esta necessidade parecerá ser a mais importante de todas. Torna-se então possível, e na verdade realmente acontece, que eles podem, por causa dessa maior necessidade, colocar-se na posição de serem privados em uma necessidade mais básica. Podemos esperar que depois de um longo tempo de privação da necessidade mais básica, haverá uma tendência a reavaliar ambas as necessidades de modo que a necessidade mais prepotente realmente se tornará conscientemente prepotente para o indivíduo que pode tê-la considerado muito despreocupadamente. Portanto, um homem que tenha desistido do seu emprego em preferência ao seu autorrespeito, e que tenha passado fome por algo como seis meses, pode querer seu emprego de volta mesmo com o preço de perder seu autorrespeito.
- (6) Outra explicação parcial de *aparentes* reversões é percebida no fato de que temos falado sobre a hierarquia de prepotência em termos de sentimentos conscientes de necessidades ou desejos mais do que de comportamento. Olhar para o

comportamento isoladamente pode nos dar a impressão errada. O que temos afirmado é que a pessoa desejará a mais básica de duas necessidades quando privado de ambas. Não há nenhuma implicação necessária aqui que ele agirá de acordo com seus desejos. Afirmamos, novamente, que existem muitos determinantes do comportamento além das necessidades e desejos.

- (7) Talvez mais importantes do que todas estas exceções sejam as que envolvem ideais, elevados padrões sociais, valores elevados e similares. Com tais valores as pessoas se tornarem mártires; eles fazem de tudo por causa de um ideal particular, ou valor. Essas pessoas podem ser entendidas, pelo menos em parte, por referência a um conceito basilar (ou hipótese) que pode ser chamado de “tolerância à frustração aumentada pela gratificação antecipada”. As pessoas que foram atendidas em suas necessidades básicas ao longo da vida, especialmente em seus primeiros anos, parecem desenvolver uma potência excepcional para resistir frustrações presentes ou futuras dessas necessidades, simplesmente porque eles têm uma estrutura de caráter forte e saudável, como resultado da satisfação básica. Eles são as pessoas “fortes” que podem facilmente ficar em oposição ou em desacordo às intempéries, que podem nadar contra a corrente da opinião pública e que podem defender a verdade a um grande custo pessoal. Somente aqueles que amaram e foram bem-amados, e que tiveram muitas amizades sinceras que podem resistir contra o ódio, rejeição ou perseguição.

Digo tudo isso apesar do fato de que há uma certa quantidade de pura habituação que também está envolvida em qualquer discussão completa sobre a tolerância à frustração. Por exemplo, é provável que as pessoas que foram acostumadas à razoável fome por um longo tempo, são parcialmente habilitadas, desta forma, a suportar a privação de alimentos. O tipo de equilíbrio que deve ser feito entre essas duas tendências, de habituação por um lado, e de satisfações passadas criando tolerância à frustração presente por outro lado, deve ser considerado por pesquisas posteriores. Enquanto isso podemos assumir que ambos são operativos, lado a lado, uma vez que não se contradizem. Em relação a esse fenômeno de aumento da tolerância à frustração, parece provável que as gratificações mais importantes acontecem nos dois primeiros anos de vida. Ou seja, pessoas que se tornaram seguras e fortes nos primeiros anos, tendem a permanecer seguras e fortes face a quaisquer ameaças.

Grau de satisfação relativa. – Até agora, nossa discussão teórica pode ter dado a impressão de que esses cinco conjuntos de necessidades são de alguma forma um passo a passo, passo-sábio, um relacionamento do tipo tudo-ou-nada entre eles. Temos falado em termos tais como o seguinte: “Se uma necessidade é satisfeita, depois outra emerge.” Esta declaração pode dar a falsa impressão de que a necessidade deve ser satisfeita 100 por cento antes de emergir a necessidade seguinte. Na realidade, a maioria dos membros de nossa sociedade que são normais, são parcialmente satisfeitos em todas as suas necessidades básicas e parcialmente insatisfeitos em todas as suas necessidades básicas, ao mesmo tempo. Uma descrição mais realista da hierarquia seria em termos de diminuição da porcentagem de satisfação quando subimos na hierarquia de prepotência. Por exemplo, se eu puder atribuir valores arbitrários, a título de ilustração, é como se o cidadão médio esteja, digamos, satisfeito em 85 por cento em suas necessidades fisiológicas, 70 por cento em suas necessidades de segurança, 50 por cento em suas necessidades de amor, 40 por cento em suas necessidades de autoestima e 10 por cento em suas necessidades de autorrealização.

Quanto ao conceito de emergência de uma nova necessidade, após a satisfação da necessidade prepotente, essa emergência não é um fenômeno repentino, saltado, mas sim uma emergência gradual, aos poucos, a partir do nada. Por exemplo, se a necessidade prepotente A está satisfeita apenas 10 por cento; então a necessidade B pode não ser visível de forma alguma. No entanto, quando esta necessidade A se torna 25 por cento satisfeita, a necessidade B pode aparecer em

5 por cento, quanto a necessidade A se torna 75 por cento satisfeita, a necessidade B necessidade pode surgir aparecer em 30 por cento, e assim por diante.

Caráter inconsciente de necessidades. – Estas necessidades não são necessariamente nem conscientes nem inconscientes. Em geral, no entanto, em que a pessoa normal, são mais frequentemente inconscientes em vez de conscientes. Não é necessário neste momento revisar a massa enorme de evidências que indica a importância crucial da motivação inconsciente. Agora seria esperado, apenas *a priori*, que as motivações inconscientes, em geral, são muito mais importantes do que as motivações conscientes. O que nós chamamos de necessidades básicas são, muitas vezes, em larga escala inconscientes, embora elas possam, com técnicas adequadas, e com pessoas sofisticadas se tornarem conscientes.

Especificidade cultural e generalidade das necessidades. – Esta classificação das necessidades básicas é uma tentativa de considerar a unidade relativa por trás das diferenças superficiais em desejos específicos de uma cultura para outra. Certamente, em qualquer cultura particular, o conteúdo motivacional consciente de um indivíduo, geralmente, será extremamente diferente do conteúdo motivacional consciente de um indivíduo em outra sociedade. No entanto, a experiência comum dos antropólogos é que as pessoas, mesmo em sociedades diferentes, são muito mais parecidas do que poderíamos pensar no nosso primeiro contato com eles, e que, na medida em que nós os conhecemos melhor parece que encontramos mais e mais desta comunhão. Reconhecemos, então, que as diferenças mais surpreendentes são superficiais em vez de básicas, por exemplo, diferenças de estilo de cabelo, vestido, roupas, preferências alimentares, etc. Nossa classificação de necessidades básicas é, em parte, uma tentativa de considerar essa unidade por trás da aparente diversidade de cultura para cultura. Nenhuma afirmação é feita de que seja derradeira ou universal para todas as culturas. A alegação é feita apenas de que é relativamente *mais* derradeira, *mais* universal, *mais* básica que os desejos superficiais conscientes de cultura para cultura, e faz uma abordagem um pouco mais próxima das características humanas comuns, as necessidades básicas são *mais* humano-comuns do que desejos ou comportamentos superficiais.

Motivações múltiplas de comportamento. – Estas necessidades devem ser entendidas não sendo determinantes exclusivas ou determinantes de certos tipos de comportamento. Um exemplo pode ser encontrado em qualquer comportamento que pareça ser motivado fisiologicamente, como comer, ou jogo sexual ou algo semelhante. Os psicólogos clínicos há muito descobriram que qualquer comportamento pode ser um canal pelo qual fluem vários determinantes. Ou para dizê-lo de outra maneira, a maioria dos comportamentos é multimotivado. No âmbito dos determinantes motivacionais qualquer comportamento tende a ser determinado por várias ou *todas* as necessidades básicas simultaneamente, em vez de apenas uma delas. Esta última situação seria mais excepcional do que a anterior. Comer pode ser motivado parcialmente pela razão de encher o estômago, e parcialmente por uma questão de conforto e benfeitoria de outras necessidades. Pode-se fazer amor, não somente pela intenção sexual pura, mas também para convencer a si mesmo de sua masculinidade, ou para fazer uma conquista, ou para se sentir poderoso, ou para ganhar mais afeição básica. Para ilustrar, posso apontar que seria possível (teoricamente, se não praticamente) analisar um único ato de um indivíduo e ver nele a expressão de suas necessidades fisiológicas, as suas necessidades de segurança, suas necessidades amor, suas necessidades de estima e autorrealização. Isso contrasta fortemente com o mais ingênuo estigma da psicologia, em que uma característica ou um motivo contam para determinada ação, por exemplo, um ato agressivo é registrado unicamente como um traço de agressividade.

Determinantes múltiplos de comportamento. – Nem todo comportamento é determinado pelas necessidades básicas. Podemos até dizer que nem todo comportamento é motivado. Há muitos determinantes de comportamento além dos motivos. [9] Por exemplo, uma importante classe de determinantes são os denominados determinantes “campo”. Teoricamente, pelo menos, o

comportamento pode ser determinado completamente pelo campo, ou mesmo por estímulos externos isolados específicos, como em associação de ideias, ou certos reflexos condicionados. Se em resposta à palavra de estímulo “mesa” percebo imediatamente uma imagem de memória de uma mesa¹, esta resposta certamente não tem nada a ver com as minhas necessidades básicas.

Em segundo lugar, podemos chamar novamente a atenção para o conceito de “grau de proximidade com as necessidades básicas” ou “grau de motivação.” Alguns comportamentos são altamente motivados, outros comportamentos são apenas fracamente motivados. Alguns não são motivados de forma alguma (mas todo comportamento é determinado).

Outro ponto importante [10] É que há uma diferença básica entre o comportamento expressivo e comportamento de enfrentamento (esforço funcional, buscando objetivo intencional). Um comportamento expressivo não tenta fazer nada; é simplesmente um reflexo da personalidade. Um homem estúpido se comporta estupidamente, não porque ele quer, ou tenta, ou é motivado, mas simplesmente porque ele é o que ele é. Também é verdade quando falo com uma voz mais grave que um tenor ou soprano. Os movimentos aleatórios de uma criança saudável, o sorriso no rosto de um homem feliz, mesmo quando ele está sozinho, a agilidade da caminhada do homem saudável, e a postura ereta são outros exemplos de comportamento expressivo, não funcional. Também o estilo em que um homem executa todo o seu comportamento, tanto motivado, quanto o não motivado, muitas vezes é expressivo.

Podemos então perguntar, é *tudo* comportamento expressivo ou reflexo da estrutura de caráter? A resposta é “não”. O comportamento por hábito, usual, automatizado, ou convencional pode ou não ser expressivo. Sendo também verdadeiro para a maioria dos comportamentos “ligados ao estímulo”. É finalmente necessário salientar que o comportamento expressivo, e o comportamento objetivo-direcionado não são categorias mutuamente exclusivas. O comportamento normal é usualmente ambos.

Objetivos como princípios centrais na teoria da motivação. – Observa-se que o princípio básico da nossa classificação não tem sido nem a instigação nem a motivação do comportamento, mas sim as funções, efeitos, propósitos ou objetivos do comportamento. Provou-se suficientemente por várias pessoas que este é o ponto mais adequado para centrar em qualquer teoria da motivação. [11]

Centralização no animal e no homem. – Esta teoria começa com o ser humano, em vez de qualquer animal menor e presumivelmente “mais simples”. Muitos dos resultados de estudos que têm sido realizados se provaram verdadeiros para os animais, mas não para o ser humano. Não há qualquer razão por que devemos começar com animais, a fim de estudar a motivação humana. A lógica, ou melhor, a falta de lógica, por trás dessa falácia geral de “pseudossimplicidade” foi exposta com bastante frequência por filósofos e lógicos, bem como pelos cientistas em cada um dos vários campos. Não é mais necessário estudar animais antes que se possa estudar o homem, da mesma forma que é estudar matemática antes de se poder estudar geologia, psicologia ou biologia.

Também podemos rejeitar o velho e ingênuo behaviorismo, que assumiu que era de alguma forma necessário, ou pelo menos mais “científico”, julgar os seres humanos por padrões animais. Uma consequência desta crença era que toda a noção de propósito e objetivo estava excluída da psicologia motivacional, simplesmente porque não se poderia questionar a um rato branco sobre seus propósitos. Tolman (18) há muito tempo já comprovou em seus estudos com animais que esta exclusão não era necessária.

¹ No original “table”, que pode significar “quadro”, “mesa”, ou “tabela”. Imagino que o autor possa ter feito um jogo de palavras entre as diversas significâncias do verbete em inglês.

Motivação e a teoria da psicopatogênese. – O conteúdo motivacional consciente da vida cotidiana, de acordo com o exposto, foi concebido para ser relativamente importante ou sem importância conforme seja mais ou menos intimamente relacionado com os objetivos básicos. Um desejo por uma casquinha de sorvete pode ser, em verdade, expressão indireta de um desejo de amor. Se for, então este desejo pela casquinha de sorvete se torna uma motivação extremamente importante. Se, contudo, o sorvete é simplesmente algo para se esfriar a boca, ou uma reação casual de apetite, então o desejo é relativamente sem importância. Desejos conscientes cotidianos devem ser consideradas como sintomas, como *indicadores superficiais de necessidades mais básicas*. Se fôssemos tomar esses desejos superficiais em seu valor de face nos encontraríamos em um estado de completa confusão que nunca poderia ser resolvido, uma vez que estaríamos lidando seriamente com os sintomas em vez de com o que estaria por trás dos sintomas.

Frustrar os desejos sem importância não produz nenhum resultado psicopatológico; frustrar uma necessidade básica importante produzir tais resultados. Qualquer teoria da psicopatogênese deve então ser baseada em uma teoria motivacional válida. Um conflito ou uma frustração não é necessariamente patogênico. Torna-se tão somente quando ameaça ou frustra as necessidades básicas, ou necessidades parciais que estão intimamente relacionadas com as necessidades básicas (10).

O papel das necessidades gratificadas. – Foi apontado acima, várias vezes, que as nossas necessidades geralmente emergem apenas quando as necessidades mais prepotentes forem gratificadas. Assim, a gratificação tem um papel importante na teoria da motivação. Para além disto, no entanto, as necessidades deixam de desempenhar um papel determinante ou organizador ativo assim que elas são gratificadas.

O que isto significa é que, por exemplo, uma pessoa basicamente satisfeita já não tem as necessidades de estima, de amor, de segurança, etc. O único sentido em que pode ser dito que ele as possui é metafísico: um homem saciado tem fome, ou uma garrafa cheia está vazia. Se estamos interessados no que *realmente* nos motiva, e não no que tem, vai, ou pode nos motivar, então, uma necessidade satisfeita não é um motivador. Deve ser considerado para todos os efeitos práticos, simplesmente não existe, ter desaparecido. Este ponto deve ser enfatizado porque tem sido tanto esquecido ou contradito em cada teoria da motivação que eu conheço. [12] O homem perfeitamente saudável, normal e afortunado não tem necessidades sexuais ou necessidades de fome, ou necessidades de segurança, ou de amor, ou de prestígio, ou autoestima, exceto em momentos dispersos de ameaça passageira. Se tivéssemos que dizer o contrário, deveríamos, também, ter que comprovar que todo homem tenha todos os reflexos patológicos, por exemplo, Babinski, etc., porque se o seu sistema nervoso for danificado, estes iriam aparecer.

São considerações como estas que sugerem a forte postulação de que um homem que é frustrado em qualquer de suas necessidades básicas pode razoavelmente ser encarado como um homem simplesmente doente. Esta é um paralelo justo à nossa designação de “doente” para o homem que carece de vitaminas ou minerais. Quem pode dizer que a falta de amor é menos importante do que a falta de vitaminas? Desde que nós sabemos os efeitos patogênicos de fome de amor, quem dirá que estamos invocando questões chave de uma maneira não científica ou ilegítima, mais do que o médico que diagnostica e trata pelagra ou escorbuto? Se me fosse permitido esse uso, eu deveria então dizer simplesmente que um homem saudável é motivado principalmente por suas necessidades para desenvolver e realizar suas plenas potencialidades e capacidades. Se um homem tem quaisquer outras necessidades básicas em qualquer sentido ativo, ou crônico, então ele é basicamente um homem não saudável. Ele está tão certamente doente, como se de repente tivesse desenvolvido uma forte necessidade de sal ou de cálcio. [13]

Se esta afirmação parece incomum ou paradoxal, o leitor pode estar certo de que este é apenas um entre muitos paradoxos que aparecerão à medida que revisamos nossas maneiras de olhar para as motivações mais profundas do homem. Quando perguntamos o que o homem quer da vida, lidamos com a sua própria essência.

IV. RESUMO

- (1) Há pelo menos cinco conjuntos de objetivos, que podemos chamar de necessidades básicas. Estes são, brevemente, fisiológicas, de segurança, de amor, de estima e autorrealização. Além disso, somos motivados pelo desejo de alcançar ou manter as várias condições sob as quais estas satisfações básicas repousam e por certos desejos mais intelectuais.
- (2) Estes objetivos básicos estão relacionados uns com os outros, sendo dispostos numa hierarquia de prepotência. Isto significa que a meta mais prepotente vai monopolizar a consciência e tratará de organizar e reunir as várias capacidades do organismo. As necessidades menos preponderantes são minimizadas, ou mesmo esquecidas ou negadas. Mas quando uma necessidade está bem satisfeita, a próxima necessidade prepotente (“superior”) surge, por sua vez, para controlar a vida consciente e para servir como centro de organização do comportamento, visto que as necessidades gratificadas não são motivadores ativos.

Assim, o homem é um animal eternamente insatisfeito. Normalmente a satisfação destas necessidades não são totalmente exclusivas mutuamente, mas apenas tendem a ser. O indivíduo comum da nossa sociedade é mais frequentemente parcialmente satisfeito e parcialmente insatisfeito em todos os seus desejos. O princípio da hierarquia é geralmente empiricamente observado em termos de aumento do percentual de não-satisfação à medida que subimos na hierarquia. Reversões da ordem comum da hierarquia são por vezes observadas. Também foi observado que um indivíduo pode perder permanentemente os desejos mais elevados na hierarquia sob condições especiais. Não há, normalmente, múltiplas motivações para o comportamento usual, mas, também, outros determinantes diferentes dos motivos.

- (3) Qualquer frustração ou possibilidade de frustração destes objetivos humanos básicos, ou perigo para as defesas que os protegem, ou para as condições em que se baseiam, são considerados uma ameaça psicológica. Com poucas exceções, toda psicopatologia pode ser parcialmente atribuída a tais ameaças. Um homem frustrado basicamente pode realmente ser definido como um homem “doente”, se quisermos.
- (4) São as ameaças básicas que provocam as reações gerais de emergência.
- (5) Alguns outros problemas básicos não foram tratados devido a limitações de espaço. Entre eles estão (a) o problema de valores em qualquer teoria da motivação definitiva, (b) a relação entre apetites, desejos, necessidades e o que é “bom” para o organismo, (c) a etiologia das necessidades básicas e sua possível derivação na primeira infância, (d) redefinição dos conceitos de motivação, isto é, direção, desejo, vontade, necessidade, objetivo, (e) implicação de nossa teoria para a teoria hedonista, (f) a natureza do ato incompleto, de sucesso e fracasso, e do nível de aspiração, (g) o papel da associação, de hábito e do condicionamento, (h) relação à teoria das relações interpessoais, (i) implicações para a psicoterapia, (j) implicação para a teoria da sociedade, (k) a teoria do egoísmo, (l) a relação entre as necessidades e padrões culturais, (m) a relação entre esta teoria e a teoria da

autonomia funcional de Alport. Estas, bem como algumas outras questões menos importantes devem ser consideradas na tentativa de tornar definitiva a teoria da motivação.

NOTAS

- [1] Conforme a criança cresce, o simples conhecimento e familiaridade, bem como melhor desenvolvimento motor, tornam esses “perigos” menos e menos perigosos e mais e mais gerenciáveis. Ao longo da vida pode-se dizer que uma das principais funções conativas de educação é essa neutralização de aparentes perigos por meios do conhecimento, por exemplo, eu não tenho medo de trovão, porque eu sei algo sobre isso.
- [2] Uma “bateria de testes” para a segurança pode ser confrontar a criança com a explosão de um pequeno fogo de artifício, ou com um rosto barbado; ter a mãe saindo da sala, colocá-lo sobre uma escada alta, aplicar uma injeção hipodérmica, arrastar um rato até ele, etc. É claro que não posso seriamente recomendar o uso deliberado de tais “testes” pois eles poderiam prejudicar a criança sendo testada. Mas estas e outras situações similares surgem na vida ordinária cotidiana da criança e podem ser observados. Não há nenhuma razão para que esses estímulos não possam ser usados em, por exemplo, jovens chimpanzés.
- [3] Nem todos os indivíduos neuróticos se sentem inseguros. Neurose pode ter em seu núcleo a frustração das necessidades de afeto e de estima em uma pessoa que é geralmente segura.
- [4] Para mais detalhes veja (12) e (16, Cap. 5).
- [5] Seja ou não universal este desejo particular, não sabemos. A questão crucial, especialmente importante hoje, é “Os homens que são subjugados e dominados inevitavelmente se sentirão insatisfeitos e rebeldes?” Podemos supor, com base em dados clínicos comumente conhecidos, que um homem que tenha conhecido a verdadeira liberdade (não paga pela desistência de segurança e proteção, mas sim construída com base na segurança e proteção adequadas) não irá, por vontade própria ou facilmente, permitir que sua liberdade de ser tirada dele. Mas não sabemos que isso é verdade para a pessoa nascida na escravidão. Os eventos da próxima década devem nos dar a nossa resposta. Veja a discussão deste problema em (5).
- [6] Talvez o desejo de prestígio e respeito dos outros seja subsidiária ao desejo de autoestima ou confiança em si mesmo. A observação das crianças parece indicar que isto é assim, mas os dados clínicos não dão fundamento claro para tal conclusão.
- [7] Para mais ampla discussão da autoestima normal, bem como para os relatórios de várias pesquisas, consulte (11).
- [8] O comportamento manifestamente criativo, como a pintura, é como qualquer outro comportamento em ter múltiplos determinantes. Pode ser visto em pessoas “criativas inatas” se estão satisfeitas ou não, felizes ou infelizes, com fome ou saciadas. Também está claro que a atividade criativa pode ser compensatória, melhorativa ou puramente econômica. É minha impressão (ainda não confirmada) que é possível distinguir os produtos artísticos e intelectuais de pessoas, basicamente satisfeitos daqueles das pessoas, basicamente, insatisfeitos por uma única inspeção. Em todo caso, aqui também devemos distinguir, de forma dinâmica, o próprio comportamento manifestado de suas várias motivações ou propósitos.
- [9] Estou ciente de que muitos psicólogos e psicanalistas usam o termo “motivado” e “determinado” como sinônimos, por exemplo, Freud. Mas eu considero este um uso

confuso. Distinções nítidas são necessárias para a clareza de pensamento e precisão na experimentação.

- [10] Para ser discutido plenamente numa publicação subsequente.
- [11] O leitor interessado é encaminhado à excelente discussão sobre este ponto no texto de Murray, "*Explorations in Personality*" (15).
- [12] Notar que a aceitação desta teoria necessita de revisão basilar da teoria Freudiana.
- [13] Se fôssemos usar a palavra "doente" desta forma, deveríamos então, também, ter que enfrentar diretamente as relações do homem com sua sociedade. Uma implicação clara da nossa definição seria que (1) uma vez que um homem deva ser chamado doente por estar basicamente frustrado, e (2) uma vez que tal frustração básica seja fundamentalmente possível apenas por forças externas ao indivíduo e, então, (3) a doença do indivíduo deve originar fundamentalmente da doença na sociedade. A sociedade boa ou saudável deveria, então, ser definido como a [única que permitiu a emergência dos mais altos propósitos de homem, satisfazendo todas as suas necessidades básicas prepotentes.

REFERÊNCIAS

1. ADLER, A. *Social interest*. London: Faber & Faber, 1938.
2. CANNON, W. B. *Wisdom of the body*. New York: Norton, 1932.
3. FREUD, A. *The ego and the mechanisms of defense*. London: Hogarth, 1937.
4. FREUD, S. *New introductory lectures on psychoanalysis*. New York: Norton, 1933.
5. FROMM, E. *Escape from freedom*. New York: Farrar and Rinehart, 1941.
6. GOLDSTEIN, K. *The organism*. New York: American Book Co., 1939.
7. HORNEY, K. *The neurotic personality of our time*. New York: Norton, 1937.
8. KARDINER, A. *The traumatic neuroses of war*. New York: Hoeber, 1941.
9. LEVY, D. M. Primary affect hunger. *Amer. J. Psychiat.*, 1937, 94, 643-652.
10. MASLOW, A. H. Conflict, frustration, and the theory of threat. *J. abnorm. (soc.) Psychol.*, 1943, 38, 81-86.
11. _____. Dominance, personality and social behavior in women. *J. soc. Psychol.*, 1939, 10, 3-39.
12. _____. The dynamics of psychological security-insecurity. *Character & Pers.*, 1942, 10, 331-344.
13. _____. A preface to motivation theory. *Psychosomatic Med.*, 1943, 5, 85-92.
14. _____. & MITTLEMANN, B. *Principles of abnormal psychology*. New York: Harper & Bros., 1941.
15. MURRAY, H. A., et al. *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press, 1938.
16. PLANT, J. *Personality and the cultural pattern*. New York: Commonwealth Fund, 1937.
17. SHIRLEY, M. Children's adjustments to a strange situation. *J. abnorm. (soc.) Psychol.*, 1942, 37, 201-217.
18. TOLMAN, E. C. *Purposive behavior in animals and men*. New York: Century, 1932.
19. WERTHEIMER, M. Unpublished lectures at the New School for Social Research.

20. YOUNG, P. T. *Motivation of behavior*. New York: John Wiley & Sons, 1936.
21. _____. The experimental analysis of appetite. *Psychol. Bull.*, 1941, 38, 129-164.